

Idas e vindas

Comings and Goings

Claudia Dias Rosa

Psicóloga, membro da SBPW (Sociedade Brasileira de Psicanálise Winnicottiana) e Coordenadora do SAP (Serviço de atendimento em psicanálise) do CWSP e do CWCamp.

E-mail: diasclaudiarosa@gmail.com

Resumo: Abordando a longa jornada da vida como um constante e paulatino processo de rompimento de círculos de pertinência, do colo da mãe na direção do mundo, o objetivo deste trabalho é mostrar que a família é o lugar privilegiado que se estabelece, na saúde, não somente como o alicerce dos movimentos de partida em direção à independência, mas também como a base de sustentação para os necessários retornos à dependência, igualmente importantes para o alcance da maturidade.

Palavras-chave: Winnicott; família; amadurecimento; ambiente; dependência; independência.

Abstract: The purpose of this article is to show, through life's long journey as a constant and gradual tearing process of the circles of belonging and of the mother's lap towards the world, that family is the privileged place where, when in health, not only the foundation for the starting point towards independence is established, but is also the support for the necessary returns/comebacks to dependence, which are equally important to reach maturity.

Keywords: Winnicott; family; maturation; environment; dependence; independence.

Gostaria de abordar o tema da família utilizando como fio condutor uma vinheta clínica de um caso descrito por Winnicott. Entendo que esse caso, na ótica que escolhi para exame, ilustra a necessidade que o indivíduo tem de se afastar e de crescer para além do âmbito familiar, no início da vida circunscrito ao colo da mãe, ao mesmo tempo que necessita ter sempre garantida a possibilidade de retorno. O aspecto importante nesse caso é, sobretudo, o tempo, a permanência da presença da mãe e de seus cuidados, que, como veremos, encontrarão na família a sua atualização e o seu prolongamento durante todos os movimentos de idas e vindas que o indivíduo faz em direção à independência.

Uma paciente resume os traumas acumulados em sua infância [referindo-se a um padrão desse tipo de experiência, e não a uma única situação], relatando um incidente da maneira como os pacientes muitas vezes o fazem. Com suas próprias palavras, mostra a importância do fator tempo, [ela diz]: “Eu tinha mais ou menos dois anos de idade. A família estava na praia. Fiquei perambulando longe de minha mãe e comecei a fazer descobertas. Achei conchinhas. Uma delas me conduzia a outra, havia um número ilimitado de conchinhas. De repente, eu fiquei com muito medo, e hoje posso entender o que aconteceu: fiquei interessada em descobrir o mundo e esqueci-me de mamãe. Isso ocasionou em mim a ideia de que mamãe havia se esquecido de mim. Dei a volta e saí correndo para mamãe – ela estava lá a poucos metros. Ela me pegou no colo, iniciando-se o processo de restabelecer minha relação com ela. Meu interesse nela provavelmente parecia ser pequeno, mas eu precisava de tempo para me sentir restabelecida e perder a sensação de pânico. Aí, de repente, mamãe me pôs no chão de novo. (1986d [1966]/1999, p. 131)

Winnicott explica que a paciente está em tratamento, reconectando-se com o episódio e, a partir do trabalho realizado em análise, pôde então acrescentar [ela disse]:

Agora sei o que ocorreu. Fiquei esperando toda a minha vida ser capaz de alcançar o estágio seguinte – se minha mãe não tivesse me posto no chão, eu teria lhe dado um abraço, e rompido em lágrimas, lágrimas de alegria e felicidade. Do jeito como aconteceu, nunca mais encontrei minha mãe. (1986d[1966]/1999, p. 131)

Sob certo ângulo, o processo de amadurecimento pessoal pode ser visto, entre diversas outras abordagens, como o movimento que o ser humano realiza, ao longo de toda a vida, de sucessivas saídas da dependência em direção ao mundo. Saídas que, impelidas pela tendência herdada ao amadurecimento, carregam em seu bojo a necessidade de ser si mesmo, de se individualizar, de tornar-se independente. Mas uma pré-condição para essas saídas é clara: que haja um ambiente sustentador que permaneça no tempo, fornecendo, dessa maneira, não só uma base para as decolagens, mas também um lugar sempre presente para os retornos, assim como um caminho aberto para o trânsito entre um e outro ponto. É nesse sentido, diz Winnicott, que, ao

longo das sucessivas etapas da vida, “sempre resta a tarefa de o indivíduo tornar-se cada vez mais independente, ainda que mantendo o buraco para ele rastejar de volta” (1989n[1970]/1994, p. 222).

A menina do exemplo clínico, em processo de amadurecimento e crescimento, envolve-se, absorve e esquece, nas coisas do mundo externo – nas conchinhas da praia. E, nesse movimento, afasta-se do colo da mãe. De repente, em susto, invade-a o sentimento da distância do familiar e ela se volta aflita para reencontrar a mãe, para certificar-se de que não havia esquecimentos apesar da distância, e de que o lugar seguro estava garantido. Se tivesse podido estar no colo materno pelo tempo suficiente que sua necessidade pedia, a criança teria voltado a si e se reencontrado, e poderia então novamente partir.

A necessidade que a garotinha tinha de voltar ao familiar e de ter tempo para se reencontrar, depois de ter se afastado em um arroubo de independência, não é exclusividade da primeira infância, pelo contrário; guardadas as devidas dimensões e as características específicas a cada fase do processo de amadurecimento, é uma necessidade presente em todas as etapas da vida. Em outra vinheta clínica do autor, encontramos o seguinte trecho:

uma criança avança pressurosa para águas mais profundas, ao passo que a tendência de uma outra é ficar tiritando na beirinha da praia e com medo de atirar-se na água. E, diga-se de passagem, alguns dos mais afoitos retrocedem de súbito e recusam-se a reemergir do cercado durante dias [...]. O ponto importante é entender que sair do cercado é muito excitante e muito assustador; e que, uma vez fora, é terrível para a criança não poder voltar atrás, e que a vida é uma extensa série de saídas de cercados, de aceitação de novos riscos e de confronto com novos e excitantes desafios. (1965q[1962]/1999, p. 131)

O avanço em direção à independência e à descoberta do mundo requer que o caminho de retorno, no sentido de reexperimentar a dependência, esteja aberto e disponível. Não comemoramos a independência de uma pessoa, ou ao menos desconfiamos de seu valor se, entre outras possibilidades, ela for prematura e acarretar um sentido precoce de responsabilidade; se a independência se der em prejuízo do relaxamento, do descanso; ou, ainda, se sua natureza estiver mais próxima ao

sentimento de onipotência – não o da ilusão de onipotência, que traz em si a esperança do encontro e pressupõe sustentação, mas ao sentimento de onipotência que se mantém defensivamente diante da desesperança no encontro de cuidados. Pessoas que alcançam a independência dessa forma podem até apresentar traços de maturidade, mas isso não se identifica, como diz Winnicott, ao conceito de “maturidade relativa”. Qualquer progresso no sentido da independência é precário, e talvez falso, se não puder contar com os retornos, com o elo que torna certa medida de dependência sempre possível.

A dependência do ambiente decresce com os vários níveis de maturidade alcançada, mas a questão é que ela nunca acaba de fato (é de se notar que, em todos os estágios do processo de amadurecimento humano, há graus de dependência, inclusive no último, quando a independência alcançada é sempre relativa).

O ponto importante, e que toca no tema central deste artigo, é que, no decorrer da existência, passados os anos iniciais, a família é a estrutura especial que dá prosseguimento aos cuidados da primeira infância e, portanto, ao colo materno. É ela que permanece, ao longo da vida, como o lugar privilegiado para os retornos, que fornece o sentimento de coesão, de pertencimento, e que sustenta, de maneira singular, a continuidade do indivíduo. Depois do colo da mãe, e tendo o indivíduo atingido certa maturidade pessoal, o âmbito familiar se estabelece como o lugar das idas e das vindas. Creio que a família da criança, como diz Winnicott,

é a única entidade que possa dar continuidade à tarefa da mãe (e depois também, do pai) de atender às necessidades do indivíduo. Tais necessidades incluem tanto a dependência como o caminhar do indivíduo em direção à independência. (1965p[1960]/2001, p. 131)

É por isso, sustenta o autor, que necessitamos

estudar a família desde o seu início, abrangendo os primeiros anos, o período de latência entrelaçado com a escola, os primeiros estágios da puberdade, e finalmente a adolescência, inicial e final. Isso nos envolverá num estudo do relacionamento mãe-bebê, por causa do reaparecimento da dependência infantil em todos os estágios. (1996g [1959]/1997, p. 71)

O âmbito familiar tem sua própria legitimidade e, de certa forma, envolve, dá unidade e pertinência aos pequenos nichos particulares formados pelas relações da mãe com o filho, do pai com o filho, do casal entre si. Na família, há papéis específicos que, embora guardem sua autonomia, funcionam de maneira interdependente; há, antes de mais nada, uma certa coesão entre os membros que justifica a unidade familiar; há responsabilidades e ajudas mútuas; em meio aos diversos afazeres da vida, a manutenção da vivacidade e da estabilidade do lar são, em geral, priorizadas; uma boa parte das aflições, preocupações, ansiedades, alegrias e sonhos é partilhada e assumida pelos integrantes da família, pois é da essência da família “que ela permaneça orientada para si mesma e para as pessoas dentro dela” (Winnicott, 1986d[1966]/1999, p. 131). Na família, acrescenta Winnicott, “há uma possibilidade para que as crianças desempenhem toda espécie de papéis diferentes em suas relações mútuas, e isso as prepara para a vida em grupos mais vastos e, finalmente, no mundo” (1957p[1945/1982, p. 151). É no âmbito seguro da família que os ódios podem ser experimentados em primeira mão, assim como os amores, os conflitos entre lealdade e deslealdade, os ciúmes entre os irmãos, as brigas e rivalidades, a culpa, as reconciliações e as dádivas dadas no intuito de remendar os estragos feitos. O triângulo simples, salienta o autor, “apresenta as dificuldades e também toda a riqueza da experiência humana” (1988/1990, p. 57). Ele inaugura, ensina, possibilita e fornece as bases para as experiências que, em certa altura, o indivíduo precisará viver no território amplo da sociedade.

A “longa jornada” da vida, como diz Winnicott, até a independência relativa, é descrita por ele como um alcançar círculos cada vez mais amplos – o colo da mãe, a relação com o casal parental, o triângulo familiar, a família, a escola, o grupo de amigos, a sociedade. Esses círculos, por mais amplos que sejam, embora façam avançar no sentido da independência, são, ao mesmo tempo, a reedição do primeiro círculo, o colo materno do qual a criança partiu. É por isso que

Quando examinamos esse fenômeno evolutivo que se inicia com o cuidado materno e prolonga-se até o interesse da família pelos filhos adolescentes, não podemos deixar de notar a necessidade humana de ter um círculo cada vez mais largo proporcionado cuidado ao indivíduo [...]. Todos esses círculos, por vastos

que sejam, identificam-se ao colo, aos braços e aos cuidados da mãe. (Winnicott, 1965p[1960]/2001, p. 131)

No decorrer da existência, o indivíduo vai rompendo os círculos estabelecidos, que o envolviam e davam segurança, e inserindo-se em novos e maiores círculos que estejam prontos a aceitá-lo e dos quais possa fazer parte. Mas isso não significa que, ao romper, ele esteja apto a viver no mundo descoberto.

É muito importante que, a cada arroubo de iconoclastia, o indivíduo possa redescobrir nas formas rompidas o mesmo cuidado materno e parental e a mesma estabilidade familiar que embasavam sua dependência em épocas anteriores. É função da família constituir o terreno sobre o qual se desenvolve na prática esse dado essencial do crescimento pessoal. (Winnicott, 1965p[1960]/2001, p. 137)

Os grupos de pertencimento, com os quais o indivíduo se identifica, vão se tornando cada vez mais complexos, mas não somente é importante que o acréscimo de complexidade seja gradual e se dê no compasso da maturidade pessoal, como também é de se notar que cada grupo maior preserva muitas das características que estavam presentes nos anteriores. Na prática, diz Winnicott,

a criança precisa sair do colo da mãe, mas não daí para o espaço sideral; esse afastamento deve dar-se em direção a uma área maior, mas ainda sujeita a controle: algo que simbolize o colo que a criança abandonou. (1965p[1960]/2001, p. 132)

E isso equivale a dizer, segue o autor, que o indivíduo “tem necessidade de retornar à situação rompida” (1965p[1960]/2001, p. 136). É assim que podemos afirmar que, no processo de amadurecimento, há duas tendências, a primeira, esclarece Winnicott,

é a tendência de o indivíduo afastar-se da mãe, do pai e da família, adquirindo a cada passo maior liberdade de pensamento e ação. A outra tendência, que atua no sentido oposto, é a necessidade de conservar ou retomar o relacionamento

com o pai e a mãe. É esta segunda tendência que permite que a primeira constitua uma etapa do crescimento e não uma desarticulação da personalidade do indivíduo. (1965p[1960]/2001, p. 134)

Na clínica, não raras vezes, chegamos a essa fundamental necessidade na história de vida do paciente, a de, depois de ter se afastado ou partido, alcançado novos mundos, se envolvido em novas vidas, famílias, países, voltar ao centro, à raiz, à linhagem, ao restabelecimento dos laços familiares, que muitas vezes se tornaram distantes ou mesmo se perderam em algum momento. O retorno abarca igualmente a possibilidade de se reconectar com a própria história, com a origem, e reencontrar aspectos de si mesmo deixados para trás. Pode-se pensar

no emigrante que constrói a vida na Austrália e retorna a Londres para certificar-se de que o Piccadilly Circus continua igual. Por esta imagem desejo demonstrar que, se levarmos em conta a fantasia inconsciente (o que não podemos deixar de fazer), chegaremos à conclusão que os afastamentos da criança, sua busca constante de integração a grupos extrafamiliares e sua destruição rebelde de todas as formas rígidas são idênticas à sua necessidade de conservar o relacionamento primário com os pais de fato. (Winnicott, 1965p[1960]/2001, p. 134)

Muitas vezes a família já não mais existe, mas ainda assim, em algum momento, o indivíduo se volta para trás, ao cerne, ao início: seja para visitar o Picadilly Circus, seja em um sonho, poema, chiste.

Um aspecto que cabe salientar é a afirmação de Winnicott de que, após o colo da mãe, o indivíduo “segue pelo território conhecido como família, tendo o pai e a mãe como suas principais características estruturais” (1961b[1957]/2001, p. 60). É certo que a família vai sendo acrescida de “tias e tios, os vizinhos, os primeiros grupinhos de crianças...” (1961b[1957]/2001, p. 60) etc., mas, assinala o autor, são o pai e a mãe que estão na “origem de todos os deslocamentos” (1965p[1960]/2001, p. 134). Ele afirma:

Deixem-se enunciar um princípio geral: tudo na vida do indivíduo relaciona-se em última instância com seu pai e sua mãe. A criança pode ter-se afastado dos pais na fantasia e na vida consciente, e pode ter tirado proveito disso. Não

obstante, o inconsciente sempre retém o caminho de volta aos pais. Na fantasia inconsciente da criança, toda a demanda remete-se fundamentalmente ao pai e à mãe. (1965p[1960]/2001, p. 133)

Na adolescência, vê-se com clareza a necessidade que o indivíduo tem de rebelar-se contra a família, de tomar o lugar dos pais, matá-los na fantasia inconsciente e, ao mesmo tempo e com igual intensidade, os adolescentes precisam que seus pais se mantenham vivos, permaneçam e não abdicuem, justamente nesse momento, de seu papel. Trata-se na verdade, diz Winnicott, de um complexo problema de administração:

como fazer para estar disponível quando o adolescente torna-se criança e dependente, e ao mesmo tempo ser capaz de absorver adequadamente a necessidade adolescente de rebelar-se para estabelecer a própria identidade? É provável que a família do jovem seja a estrutura mais apta a suportar essa dupla exigência: a exigência de tolerância face à rebeldia, e a exigência dos cuidados, do tempo e do dinheiro dos pais. Como se sabe, o adolescente que foge de casa não se livra de modo algum de sua necessidade de ter um lar e uma família. (1965p[1960]/2001, p. 131)

Longe de ser tarefa fácil, cabe sobretudo aos pais, durante toda a infância e adolescência, até a idade em que os filhos tornam-se capazes de assumir plenamente sua parcela de responsabilidade na vida adulta e familiar, encontrar meios para que essa base se perpetue e tenha consistência e coesão suficiente para enfrentar os reveses da vida, os períodos de crise e de tormenta que ameaçam a estabilidade.

O fato de, muitas vezes, os pais não mais se sentirem tão próximos, ou mesmo, de não mais compartilharem uma vida conjugal, não desfaz a necessidade de que cada um continue assumindo seu papel junto aos filhos e, no que se refere especificamente a este tema, espera-se, para benefício da criança, que eles consigam encontrar alguma forma de manter viva a estrutura familiar mesmo que os contornos e os limites dessa nova moldura sejam outros. O que é importante, mesmo quando o contexto familiar se altera, é ter clareza sobre as necessidades das crianças e dos adolescentes, sobre o que é fundamental que seja preservado, nessas novas circunstâncias, para que o amadurecimento não seja distorcido por organizações defensivas.

A continuidade da família contribui para o sentimento da continuidade da existência que, ao longo da vida, preserva a tradição, a história das gerações, o sentimento de pertencimento a um grupo íntimo e pessoal. Muito provavelmente, quando essa continuidade foi possível já no princípio da existência e assim se manteve, à criança foram dadas as bases para “fazer parte” e para que toda a família, não importam as diferentes relações individuais, funcione como um grande *holding*.

Chegando à idade adulta, o indivíduo geralmente alcança uma posição que lhe permite não só continuar a contar com cuidados de um grupo próximo, mas lhe permite, ademais, estar apto a também assumir o lugar de quem cuida. Ele poderá, então, dar mais um passo para fora do ambiente original e, além de permanecer membro de um grupo familiar, tornar-se a base, o pilar de uma nova família, sua, própria. Espera-se da união conjugal “que ela seja, a um só tempo, uma ruptura em relação aos pais e à família e um prolongamento da ideia orientadora da estrutura familiar” (Winnicott, 1965p[1960]/2001, p.135). O fato é que a grande maioria das pessoas sai de casa para novamente voltar ao início, à reconstrução do ambiente rompido, alterado e modificado segundo seus próprios padrões e jeitos, mas de qualquer forma um lar, sua família, e assim dar continuidade às gerações.

Unem-se nesse ponto, afirma Winnicott, duas frases aparentemente opostas:

- i) As coisas não são mais o que eram
 - ii) Plus ça change, plus c’est la même chose
- (tradução: quanto mais as coisas mudam, mais elas se parecem a si mesmas)

Os adultos amadurecidos, destruindo e recriando o velho, o antigo e o ortodoxo, infundem-lhe nova vitalidade. Nesse processo os pais ascendem um degrau, depois descem um degrau e tornam-se avós. (1965p[1960]/2001, p. 132)

Referências

Winnicott, D. W. (1982). *A criança e seu mundo* (6ª edição). Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos. (Trabalho original publicado em 1964a)

Winnicott, D. W. (1982). O filho único In D. Winnicott (1982/1964a), *A criança e seu mundo* (6ª edição, pp. 148-153). Rio de Janeiro: Ed. LTC (Trabalho original publicado em 1957p[1945])

Winnicott, D. W. (1990). *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1988)

Winnicott, D. W. (1994). *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Arte Médicas (Trabalho original publicado em 1989a)

Winnicott, D. W. (1994). Individuação. In D. Winnicott (1994/1989a), *Explorações Psicanalíticas* (pp. 219-222). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1989n[1970])

Winnicott, D. W. (1997). *Pensando sobre crianças*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1996a)

Winnicott, D. W. (1997). Uma abordagem clínica aos problemas familiares: a família. In D. Winnicott (1997/1996a), *Pensando sobre crianças* (pp. 70-72). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1996g[1959])

Winnicott, D. W. (1999). *Tudo começa em casa* (3ª edição). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1986b)

Winnicott, D. W. (1999). A criança no grupo familiar. In D. Winnicott (1999/1986b), *Tudo começa em casa* (3ª edição, pp. 123-136). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1986d[1966])

Winnicott, D. W. (1999). *Conversando com os pais* (2ª edição). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1993a)

Winnicott, D. W. (1999). Agora estão com cinco anos. In D. Winnicott (1999/1993a), *Conversando com os pais* (2ª edição, pp. 127-137). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1965q[1962])

Winnicott, D.W. (2001). *A família e o desenvolvimento individual* (2ª edição). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1965a)

Winnicott, D.W. (2001). Família e maturidade emocional. In D. Winnicott (2001/1965a), *A família e o desenvolvimento individual* (2ª edição, pp. 129-138). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1965p[1960])

Winnicott, D.W. (2001). Fatores de integração e desintegração da vida familiar. In D. Winnicott (2001/1965a), *A família e o desenvolvimento individual* (2ª edição, pp. 59-72). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1961b[1957])